



**FACULDADE DE TEOLOGIA, FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
GAMALIEL – FATEFIG.**

**CENTRO EDUCACIONAL E CULTURAL DA AMAZÔNIA – CECAM
NÚCLEO DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA (NEAD)
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

ANDRESA DOS SANTOS PINHEIRO

**A CARREIRA DO PROFESSOR NO SÉCULO XXI: DESAFIOS NA
CONTEMPORANEIDADE**

Trabalho de Conclusão de Curso

TUCURUÍ/PA

2021

ANDRESA DOS SANTOS PINHEIRO

**A CARREIRA DO PROFESSOR NO SÉCULO XXI: DESAFIOS NA
CONTEMPORANEIDADE**

Trabalho de Conclusão de curso apresentado ao Curso de Pedagogia da Faculdade de Teologia, Filosofia e Ciências Humanas Gamaliel – Fatefig, como requisito parcial para a conclusão do curso de graduação em Pedagogia.

Orientador: Prof. Mestre Mílvio da Silva Ribeiro

TUCURUÍ/PA
2021

ANDRESA DOS SANTOS PINHEIRO

**A CARREIRA DO PROFESSOR NO SÉCULO XXI: DESAFIOS NA
CONTEMPORANEIDADE**

Data de Defesa: _____ / _____ / 2021

Conceito: _____

BANCA EXAMINADORA

Orientador(a):

Prof.^o (a):

Prof.^o (a):

Dedico este trabalho a Deus, pois sem Ele não estaria aqui. Dedico também à minha mãe e meu pai, por todo o suporte e amor dados a mim e aos meus irmãos por todo o amor, apoio e companheirismo ao longo do tempo.

Agradecimentos

Quero agradecer, em primeiro lugar, a Deus, pela força e coragem durante toda esta longa caminhada.

Ao meu pai Alemax Corrêa Pinheiro, minha mãe Selma Braga dos Santos e aos meus irmãos. Aos meus avós maternos, em especial a minha amada avó Luzia Gonçalves Braga, que Deus a tomou para Si. Agradeço por sempre estarem presente nessa caminhada.

A professora Orlanete Sarmiento pela paciência na orientação e incentivo que tornaram possível minha tão sonhada formação em nível superior, minha gratidão a todo seu esforço e dedicação.

Ao professor, mestre, doutorando e coordenador do curso, Milvio Ribeiro, pelo convívio, pelo apoio, pela compreensão e pela amizade. Seu papel foi de suma importância em minha formação. Levarei seus ensinamentos com muita gratidão.

A professora Jennifer Ranieri, que foi tão importante na minha vida acadêmica e no desenvolvimento deste trabalho, minha gratidão a sua pessoa.

Agradeço também a todos os professores que me acompanharam durante a graduação.

A enfermeira Jacileuza Caldas, que me foi como uma mãe, esteve presente nessa longa caminhada, grata por todo apoio que você me deu.

A querida Leidiane Pinho, minha gratidão e respeito. Você foi muito importante nessa trajetória, minha eterna gratidão.

Agradecer à minha amiga Natália Carvalho, por ser uma pessoa que sempre esteve junta na realização desse sonho, por me ajudar e sempre apoiar nos momentos que precisei.

Agradeço a Faculdade de Teologia, Filosofia e Ciências Humanas Gamaliel (FATEFIG) pelo profissionalismo e pelo conhecimento adquiri através do curso de Pedagogia, junto à turma de 2018.

RESUMO

Assistimos na virada do século XX para o XXI, inúmeras transformações na ordem política e econômica, que impactaram sobre as diferentes esferas da sociedade, entre eles a relação de ensino aprendizagem e o papel do professor frente estas transformações. Para melhor entender o que é ser professor nesse contexto é necessário caracterizar o século XXI refletindo sobre as influências das mudanças sociais na prática pedagógica do professor e o que se espera dela. O objetivo deste artigo é levantar algumas reflexões sobre a ação docente na atualidade considerando as transformações sociais ocorridas e o impacto causado pelas novas tecnologias da informação. Analisam-se os novos paradigmas educacionais apontados a partir dos anos 90 que vem ao encontro dessas transformações sociais. Por fim, aponta-se a utilização das tecnologias de informação como ferramentas fundamentais capazes de traduzir uma nova abordagem didática nas salas de aula deste milênio. A ação docente e a prática reflexiva são os caminhos necessários a serem construídos para que o professor deste milênio esteja preparado para os desafios que se descortinam na arte de ensinar, tendo como observância as inúmeras tendências pedagógicas e prerrogativas legais que foram postas no limiar do século XXI.

Palavras-chave: Professor. Saberes, competência, características e formação. Tecnologia.

ABSTRACT

At the turn of the 20th to the 21st century, we have witnessed numerous transformations in the political and economic order, which have impacted on different spheres of society, including the teaching-learning relationship and the role

of the teacher in these transformations. To better understand what it means to be a teacher in this context, it is necessary to characterize the 21st century by reflecting on the influences of social changes on the teacher's pedagogical practice and what is expected from it. The purpose of this article is to raise some reflections on the teaching action nowadays considering the social transformations that have occurred and the impact caused by new information technologies. The new educational paradigms pointed out since the 90's that meet these social transformations are analyzed. Finally, the use of information technologies as fundamental tools capable of translating a new didactic approach into the classrooms of this millennium is pointed out. The teaching action and the reflective practice are the necessary paths to be built so that the teacher of this millennium is prepared for the challenges that are unveiled in the art of teaching, having as observance the numerous pedagogical trends and legal prerogatives that were put in the threshold of the XXI century.

Keywords: Teacher. Knowledge, competence, characteristics and training. Technology.

SUMÁRIO

1 Introdução	8
2 Justificativa	10
3 Fundamentação Teórica	11
3.1. O papel do professor: ontem e hoje.....	11
3.2. Saberes: componente indispensável para o professor	16
3.3. Formação: elemento de desenvolvimento pessoal e profissional.....	17
3.4. Competências necessárias ao professor do século XXI.....	20
3.5. O professor do século XXI.....	25
3.5.1. Características do professor do Século XXI	26
3.6. O professor do século XXI e o domínio das tecnologias de informação necessárias à construção do seu perfil	29
3.7. O professor e o desafio da revolução digital.....	31
4 QUESTÕES DE PESQUISA.....	34
5 OBJETIVOS.....	35
5.1 Geral.....	35
5.2 Específicos.....	35
6 MÉTODO / PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	35
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	36
REFERÊNCIAS	38

1. INTRODUÇÃO

A proposta desta pesquisa foi buscar discorrer sobre a carreira do professor no século XXI, bem como, sua formação, seu perfil, as competências necessárias, os desafios enfrentados, e outros.

Muito se discute sobre a carreira do professor do século XXI diante das demandas que se apresentam no dia a dia de uma escola e de uma sala de aula. Trata-se de uma temática que tem sido debatida em congressos, jornadas pedagógicas, encontros que se dedicam exclusivamente a falar de educação e, também, pela mídia televisiva. Esses eventos contam com a presença de profissionais da área da educação e seus debates são, na maioria das vezes, baseados em experiências bem e mal sucedidas no âmbito escolar.

Sabe-se que a educação é um direito de todos e um dever do Estado, é um aparato legal que deve ser consolidado em todos os aspectos para a formação de uma sociedade justa. Este dispositivo é afirmado na Constituição Federal de 1988, entretanto, faz-se necessário refletir acerca da Educação para requerer sua efetivação em nossa realidade.

A educação pode ser compreendida como um dos direitos sociais fundamentais para a conquista da cidadania, por vários motivos, mas talvez, o mais importante seja a constatação de que o acesso à educação é, muitas vezes, condição para o acesso a outros direitos sociais, civis e políticos (BRUEL, 2011, p.104).

A educação tende a ser entendida como um processo que foi sendo modificado historicamente, se transformando com as inovações e tendências. Bruel (2011) ressalta que, em nosso país a escola tem como principal função modificar as atitudes da sociedade, formar opiniões no campo teórico, ético e filosófico considerando o meio no qual o ser humano está inserido, este fato aumenta as exigências por parte dos educadores, pois “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar possibilidades para sua própria produção ou a sua construção” (FREIRE, 2004, p. 47).

Vale ressaltar que o profissional da educação, por vários anos, foi chamado de professor, ou seja, alguém que se formou em determinada área e se preparou para transmitir seu conhecimento aos seus alunos. Posteriormente, diante as mais variadas

situações enfrentadas nas escolas e, principalmente, em sala de aula, o profissional educador passou a desenvolver outras funções passando a ser chamado, por muitos, de educador, que é alguém que compartilha seu conhecimento com os educandos. Recentemente, surgiu uma nova definição para o profissional que leciona: orientador de aprendizagem. Trata-se daquele que conhece determinado assunto, mas, em vez de apenas transmiti-los e compartilhá-los, também motiva os estudantes a buscá-los. Exerce o papel de orientador, acompanhando de perto o desenvolvimento da atividade proposta em consonância com a realidade. Seu objetivo é contribuir para a aprendizagem do estudante, não de forma descontextualizada, mas sim relacionando o que se aprende com o que se vive. Ao mesmo tempo, ajuda o estudante a desenvolver a autonomia e o espírito crítico, preparando-o para o mundo do trabalho e o exercício da cidadania.

Essa nova visão do professor leva-se em conta as mudanças pelas quais a sociedade vem passando ao longo dos anos. Da mesma forma, o estudante de hoje não é o mesmo de décadas atrás, principalmente após a democratização do acesso à internet, no fim dos anos 1990. Os alunos das escolas, especialmente as localizadas nos centros urbanos, são crianças que interagem desde cedo com as novas tecnologias de informação e de comunicação, permitindo que as mesmas adquiram um conhecimento prévio sobre vários assuntos que mais tarde vão ser tratados pelo profissional da educação em sala de aula. As informações acadêmicas deixaram de ser privilégio do professor e passaram a apresentar uma universalização, acessível a todos. Isso explica um pouco a terminologia orientador de aprendizagem e justifica a necessidade de se ter conhecimento sobre outras áreas por parte do professor, principalmente as novas tecnologias de informação.

A escola desvalorizada, o professor descontente, o aluno descomprometido, os pais insatisfeitos, o sistema desajustado a realidade tornam o trabalho docente mais complexo. O momento é de insatisfação generalizada (PERRENOUD, 2000) e isto está levando a questionamentos e busca de soluções.

A escola caminha para uma transformação profunda, mas essas mudanças são lentas e dependem não só da vontade de alguns, mas também da participação da sociedade e principalmente dos professores. É no professor que os especialistas em educação colocam a responsabilidade por esta reorganização do trabalho educacional.

Para autores como Antonio Nóvoa (1995), Philippe Perrenoud (2000) e Edgar Morin (2006) cabe ao professor desenvolver competências para ampliar a abrangência de sua atuação profissional.

O artigo traz considerações acerca da importância da prática docente, uma vez que aos educadores cabe a função de levar o aprendizado de um modo especial observando que a metodologia utilizada no processo de transmitir o conhecimento faz toda a diferença. A primeira parte do trabalho faz considerações necessárias sobre a formação do professor, a didática e prática docente conceituando e exemplificando esta questão a partir de teóricos renomados, o desafio do educador do século XXI é tema central da segunda parte, uma vez que vivemos em meio às transformações tecnológicas e sociais, levar o conhecimento aos alunos nos dias de hoje não se configura em uma tarefa fácil, desse modo, o tema traz considerações significativas que auxiliará no exercício enquanto docente do ensino superior.

2. JUSTIFICATIVA

A necessidade de acelerar o entendimento do mecanismo de ação do professor no século XXI é de extrema importância no contexto da sociedade brasileira. Onde cada vez mais se faz necessária a atuação do professor.

O presente trabalho irá avaliar as mudanças sofridas pela profissão ao longo da sua existência, as necessidades de adaptações por parte do professor com essas mudanças, o perfil do professor do século XXI, além dos desafios enfrentados por este profissional no século vigente.

O tema do trabalho foi escolhido mediante sua importância para os profissionais da área e para os que ingressarão nessa área da educação. Visto que, atualmente, é evidente a importância de trabalho voltados para estas temáticas, pois são muitas as dúvidas dos recém formados e até mesmo dos professores que ainda não se adaptaram às mudanças no âmbito educacional e da sociedade neste século.

Assim sendo, a pesquisa vem contribuir, primeiramente a mim e, posteriormente, a todos aqueles que procuraram cada vez mais adquirir conhecimentos e aplicá-los na sua profissão.

O presente trabalho oferece um leque de possibilidades de modificações na realidade proposta pelo tema. Contribuindo significativamente para a melhoria da sociedade como um todo e, também, leva aos docentes esclarecimentos essenciais

sobre os desafios do professor na atualidade e o que ele pode fazer para tornar o seu ambiente de trabalho mais proveitoso e apaixonante.

3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

3.1.O PAPEL DO PROFESSOR: ONTEM E HOJE

Até meados do século XVIII a educação estava nas mãos da Igreja e os professores eram religiosos que desempenhavam o papel de professor como atividade secundária.

Os saberes e as técnicas eram organizados por teóricos e as normas e valores praticados sofriam a influência de crenças e atitudes morais e religiosas.

Na segunda metade do século XVI houve um movimento de estatização do ensino. Os religiosos foram substituídos por professores laicos recrutados pelo Estado.

Ao final deste século para ensinar era preciso uma licença ou autorização do Estado que era concedida após uma análise das condições do candidato, tais como: habilitações, idade, comportamento moral.

Esta licença iniciou o processo de profissionalização da atividade docente, estabeleceu um perfil de competências necessárias para o papel de professor e contribuiu para a homogeneidade, unificação e hierarquização do ensino a nível nacional.

Surgiu então o profissionalismo docente licenciado pelo Estado para garantir serviços de qualidade.

O Estado instituiu um controle mais rigoroso dos processos educativos, mas não promoveu mudanças significativas na função da escola, seus saberes e normas.

O professor licenciado pelo Estado, segundo Nóvoa (1995) recebeu um reconhecimento social relevante e por esta licença, uma legitimação oficial de sua atividade.

Os professores são funcionários, mas de um tipo particular, pois a sua ação está impregnada de uma forte intencionalidade política, devido aos projetos e às finalidades sociais de que são portadores. No momento em que a escola se impõe como instrumento privilegiado da estratificação social, os professores passam a ocupar um lugar-charneira nos percursos de ascensão social, personificando as nove esperanças de mobilidade de diversas camadas da população: agentes culturais, os professores são também, inevitavelmente, agentes políticos. (NÓVOA, 1995, p.17)

No século XIX a criação das Escolas Normais promoveu a formação de professores com conhecimentos pedagógicos e ideologia comum. Nóvoa diz:

As instituições de formação ocupam um lugar central na produção e reprodução do corpo de saberes e do sistema de normas da profissão docente, desempenhando um papel crucial na elaboração dos conhecimentos pedagógicos e de uma ideologia comum. (NÓVOA, 1995, p.18)

Na segunda metade desse século, de acordo com observações de Nóvoa (1995) os professores vivenciaram um período de indefinição profissional.

Fixa-se neste período uma imagem intermédia dos professores, que são vistos como indivíduos entre várias situações: não são burgueses, mas também não são povo; não devem ser intelectuais, mas têm de possuir um bom acervo de conhecimentos; não são notáveis locais, mas têm influência importante nas comunidades; devem manter relações com todos os grupos sociais, mas sem privilegiar nenhum deles; não podem ter uma vida miserável, mas devem evitar toda ostentação; não exercem seu trabalho com independência, mas é útil que usufruam de alguma autonomia; etc. (NÓVOA, 1995, p. 18)

Na virada do século estas perplexidades se acentuam com a entrada da mulher na profissão docente.

No início do século XX, a profissão docente consolidou-se com a adesão coletiva dos professores a um conjunto de normas e de valores que acrescentam à unidade extrínseca do corpo docente, imposta pelo Estado, uma unidade intrínseca, constituída com base em interesses comuns e na consolidação de um espírito de corpo (NÓVOA, 1995).

Neste período a escola e a instrução representam o progresso e os professores, os seus agentes. Nóvoa (1995) descreve: a época de glória do modelo escolar é também o período de ouro da profissão docente.

Segundo Nóvoa (1995), são muitos os elementos que estão contribuindo para a transformação no sistema escolar. O primeiro seria:

Para além de saber a matéria que leciona, pede-se ao professor que seja facilitador da aprendizagem, pedagogo eficaz, organizador do trabalho em grupo, e que, para além do ensino, cuide do equilíbrio psicológico e afetivo dos alunos, da integração social e da educação sexual, etc.; a tudo isto pode somar-se a atenção dos alunos especiais integrados na turma. (NÓVOA, 1995, p. 100)

Para o trabalho docente houve aumento de exigências, mas os cursos de formação, não acompanharam essas mudanças e continuaram formando professores primários nos velhos modelos normativos, acrescentando apenas as descobertas da

psicologia da aprendizagem, e professores de ensino secundário como investigadores especializados.

Não é, portanto de estranhar que sofram autênticos “choques com a realidade”, ao passarem, sem preparação adequada, da investigação sobre química inorgânica, ou da sua tese de licenciatura sobre um tema altamente especializado, para a prática de ensinar a quarenta crianças de um bairro degradado os conhecimentos mais elementares da química ou da filosofia. (NÓVOA, 1995, p. 100)

O segundo fator de transformação no sistema escolar, segundo Nóvoa (1995) seria um processo, registrado nos últimos vinte anos, de inibição das responsabilidades educativas de outros agentes de socialização.

A família constitui o caso mais significativo, devido à incorporação da mulher no trabalho e à redução do número dos seus membros e das horas de convívio. Nesse sentido, são cometidas à escola maiores responsabilidades educativas, nomeadamente no que diz respeito a um conjunto de valores básicos que, tradicionalmente, eram transmitidos na esfera familiar. (NÓVOA, 1995, p.101)

O professor despreparado pelos cursos de formação sofre um choque com essa realidade. Mantovani (apud GENTILE, 2007) afirma:

Quando o profissional não se sente capaz de cumprir sua tarefa - no caso, planejar, ensinar e fazer com que a maioria adquira conhecimento - tende a responsabilizar fatores externos, apontando justamente para os lados mais frágeis do sistema. (MANTOVANINI apud GENTILE, 2007, p. 33)

Sentindo-se impotente, o professor procura as causas em fatores externos e cria uma situação que o prende: já que não pode mudar a família do aluno, ele acha que não é possível ensinar. (MANTOVANINI apud GENTILE, 2007, p. 35)

O terceiro fator de transformação no sistema escolar é o desenvolvimento de fontes alternativas de informações que alterou o papel do professor de transmissor de conhecimentos.

Para Nóvoa (1995), o professor enfrenta a necessidade de integrar no seu trabalho o potencial informativo destas novas fontes, modificando o seu papel tradicional.

A mudança da configuração do sistema educativo é outro fator de transformação no sistema de ensino.

Nos últimos vinte anos, a configuração do sistema educativo mudou radicalmente, passando de um ensino de elite, baseado na seleção e competência, para um ensino de massas, muito mais flexível e integrador, mas incapaz de assegurar, em todas as etapas do sistema, um trabalho adequado ao nível do aluno. Dessa forma desceu a motivação do aluno para estudar e a valorização social do sistema educativo. (NÓVOA, 1995, p. 103)

A extensão e a massificação do ensino não produziram a igualdade e a promoção esperada pelos menos favorecidos, porque é impossível esperar resultados idênticos aos obtidos pelo ensino que servia a poucos da elite.

O resultado foi à retirada do apoio unânime da sociedade e o abandono da ideia da educação como promessa de um futuro melhor.

Modificou-se também a consideração social do professor e a sua valorização salarial. De acordo com a máxima contemporânea busca o poder e enriquecerás, o professor é visto como um pobre diabo que não foi capaz de arranjar uma ocupação mais bem remunerada.

Atualmente o progresso científico acelerado provoca transformações que demandam alterações de conteúdos curriculares e geram receios e insegurança nos professores perante as mudanças.

O aumento de exigências e responsabilidades atribuídas ao professor com a massificação do ensino não foi acompanhada por maiores investimentos financeira e a escassez de recursos materiais e as deficientes condições de trabalho dificultam a docência.

Nóvoa (1995, p. 108) diz: “hoje em dia, o ensino de qualidade é mais fruto do voluntarismo dos professores do que consequência natural das condições de trabalho adequadas às dificuldades reais e às múltiplas tarefas educativas”.

Outro fator de mudança no sistema escolar foi a mudança das relações entre professores e os alunos. As atuais relações conflituosas no ambiente escolar dificultam a convivência e a disciplina provocando um sentimento de insegurança e mal-estar entre os professores. (NÓVOA, 1995, p. 108)

O professor está sobrecarregado, Nóvoa (1995) acredita que muitos deles fazem mal o seu trabalho devido à incapacidade de cumprirem um enorme leque de funções.

Para além das aulas, devem desempenhar tarefas de administração, reservar tempo para programar, avaliar, reciclar-se, orientar os alunos e atender os pais, organizar atividades várias, assistir a seminários e reuniões de coordenação, de disciplina ou de ano, porventura mesmo vigiar edifícios e materiais, recreios e cantinas. (NÓVOA, 1995, p. 108)

A transformação do sistema escolar garantiu o acesso à escola para todos, mas também promoveu a falta de qualidade no ensino e o professor passou a sofrer críticas generalizadas, dos que sem analisar as circunstâncias que os obrigam fazer mal o seu trabalho, considera-os como os responsáveis imediatos pelas falhas no sistema

A sociedade sofre então de um sentimento generalizado de desconfiança em relação à competência e a qualidade do trabalho do professor o professor sofre de um mal-estar docente.

A escola perdeu seu papel de preparar o aluno pra um futuro melhor, já que um grau acadêmico hoje nem sempre é sinônimo de valorização social e compensação econômica.

A mudança acelerada do contexto social alterou fortemente o papel do professor no processo de ensino.

O aumento de exigências neste novo contexto social exige do professor uma redefinição de seu papel, que ainda não aconteceu.

Hoje, cobra-se dos demais profissionais a colaboração, comunicação e empatia com os clientes, a compreensão holística das situações e a autorreflexão para superar os julgamentos estereotipados.

Nesta perspectiva, Nóvoa (1995) coloca que o professor tem de adquirir mais autonomia de gestão de sua própria profissão e uma ligação mais forte com as comunidades onde exerce seu trabalho.

Hoje, os professores precisam reencontrar estímulos no interior de seu trabalho, precisam investir no desenvolvimento profissional, individual e coletivo, criando condições que permitam basear a sua carreira docente no mérito e na qualidade de trabalho promovendo assim o prestígio e a valorização da carreira.

“Os professores precisam reencontrar novos valores, novos idealismos escolares que permitam atribuir um novo sentido à ação docente”. (NÓVOA, 1995, p. 29).

Ser professor no século XXI é ter conhecimentos teóricos além das disciplinas a que se propõe ministrar e uma gama diversificada de práticas de ensino. Ser professor no século XXI é desenvolver os conteúdos de modo contextualizado, globalizado e diversificado o suficiente para envolver os alunos num projeto de ensino aprendizagem capaz de despertar interesse e motivação. Ser professor no século XXI é desenvolver práticas de ensino que atendam à diversidade dos processos de aprendizagem dos alunos contemplando às necessidades individuais num trabalho coletivo de construção de conhecimento.

3.2. SABERES: COMPONENTE INDISPENSÁVEL PARA O PROFESSOR

O processo de construção dos saberes dos professores tem na formação inicial a sua base de apoio e na formação contínua a sua consolidação, constituindo-se a sala de aula não apenas como espaço de ensino, mas também de aprendizagem por parte do professor, ou seja, um espaço rico para o desenvolvimento tanto de práticas formativas como investigativas. E porque os saberes dos professores, as competências e o saber-fazer são o fundamento do ato docente no meio escolar, as instituições de formação devem valorizar essa formação, propiciando um saber orientado para uma transformação social. A este respeito Pimenta e Anastasiou (2002, p. 71) afirmam que nos processos de formação de professores,

(...) é preciso considerar a importância dos saberes das áreas de conhecimento (ninguém ensina o que não sabe), dos saberes pedagógicos (pois o ensinar é uma prática educativa que tem diferentes e diversas direções de sentido na formação do humano), dos saberes didáticos (que tratam da articulação da teoria da educação e da teoria de ensino para ensinar nas situações contextualizadas), dos saberes da experiência do sujeito professor (que dizem respeito ao modo como nos apropriamos do ser professor na nossa vida). Esses saberes dirigem-se às situações de ensinar e com elas dialogam, revendo-se, redirecionando-se, ampliando-se, e criando [...] são as demandas da prática que vão dar a configuração desses saberes.

Diferentes instâncias de produção contribuem para os saberes dos professores, que são saberes plurais, compósitos, heterogêneos. Deles fazem parte também saberes pessoais, adquiridos no seio familiar; saberes provenientes da ação escolar e acadêmica; de instituições que lhes administram formação; dos programas e livros didáticos que utilizam; dos discursos, objetivos, conteúdos e métodos que lhes são apresentados como modelos, ou ainda da sua vivência e experiências cotidianas na profissão, na escola e na sala de aula. Nesta, as influências informais na socialização são mais eficazes e decisivas do que as experiências formais. Estas influências e outras como os seus pares, demais atores educativos e a sociedade, contribuem de modo incisivo na construção do saber docente, na medida em que, como bem ilustra Nóvoa (1997, p. 25), “o professor é a pessoa. E uma parte importante da pessoa é o professor”.

Os saberes do professor são construídos ao longo de toda uma carreira e vida do professor, razão que justifica que não sejam contemporâneos uns dos outros, uma vez que se vão adquirindo ao longo do tempo. São assim saberes temporais, em cuja construção intervêm dimensões identitárias, de socialização profissional, fases e mudanças, que se constituem num conjunto de conhecimentos, competências, habilidades e atitudes. Na óptica de Tardif (2002, p. 11) o saber docente “relaciona-se

com a pessoa, com a sua identidade, com a sua experiência de vida, com a sua história profissional, com as suas relações com os alunos na sala de aula com os outros atores sociais na escola”. São saberes com origem distinta, que se constituem na ação e se edificam no trabalho e no conhecimento do meio social. São saberes que, in fine, alicerçam a prática do professor, constituem o seu ato de ensinar, são garantia da sua boa atuação, servem de base à estruturação da sua vida profissional, à sua relação com os alunos, com os colegas, em síntese, ao seu modo peculiar de ser professor.

3.3. FORMAÇÃO: ELEMENTO DE DESENVOLVIMENTO PESSOAL E PROFISSIONAL

A competência tem a ver com a capacidade do sujeito para mobilizar saberes, conhecimentos, habilidades e atitudes, resolver problemas e tomar decisões adequadas (Zabala, 1998). O fato de alguém possuir um elevado número de saberes ou competências não é, contudo, sinônimo de que seja um profissional competente, a isto se refere Perrenoud (2000), quando afirma que possuir conhecimentos ou capacidades específicas não é garantia de que um profissional seja “competente”, porque apesar de muitos profissionais possuírem conhecimentos e capacidades importantes, nem sempre sabem mobilizá-los de modo adequado no momento oportuno.

Segundo o entendimento de Freire (1983), o homem, enquanto ser histórico, está sempre à procura de algo, num processo permanente no qual faz e refaz constantemente o seu saber. Dessa forma, todo o saber novo é oriundo de um saber que passou a ser velho, que desencadeia para outro saber, que um dia se tornará ultrapassado e que num processo dialético irá gerar um outro saber. Não admira, portanto que face às mudanças por que o mundo tem vindo a passar, o modelo de competências evidencie atualmente a preocupação de superar definitivamente ações e comportamentos que se limitam à padronização e repetição e se esgotam em si mesmo, passando a dar-se prioridade à articulação entre conhecimentos, habilidades, procedimentos, valores e atitudes. Tudo isto implica por outro lado, que as instituições de formação tenham de ter cada vez mais a capacidade de desenvolver uma formação sólida, integradora, sensível, na qual o formando participe ativamente no processo de construção de conhecimentos, condição fundamental para a constituição de um perfil de profissional inovador, capaz de lidar de forma crítica e criativa no que à sua prática

profissional se refere com as transformações que marcam a sociedade contemporânea. Um profissional que faz sempre escolhas conscientes, tem objetivos racionais e utiliza meios sensíveis para atingir os seus fins. Para conseguir atuar desta forma, Freire (2004, p. 25) defende que:

“é preciso que o formando, desde o princípio da sua experiência formadora, se assuma como um sujeito da produção do saber, se convença definitivamente de que ensinar não é transferir conhecimentos, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção”.

No que à formação de professores diz respeito e dado que a simples agregação de saberes produzidos em diferentes áreas do conhecimento não significa a superação das abordagens fragmentadas sobre como educar, necessário se torna construir competências, no sentido de as reconhecerem e implementarem no terreno através de uma ação que tenha como objetivo inter-relacionar ideias e conceitos interdisciplinares. Esta ação envolve saberes multi e interdisciplinares, profissionais e diferentes formações que se podem alcançar pela busca constante de inovação em termos de trabalho científico, pesquisa colaborativa, pensamento crítico e flexível, autonomia, concepção e ampliação de fundamentos científicos e tecnológicos.

As razões expostas justificam o fato do professor do presente não pode ser apenas alguém que aplica conhecimentos produzidos por outrem, mas tenha de ser um sujeito que assume a sua prática pedagógica a partir dos significados que ele próprio lhe atribui. Alguém que, porque teve uma miríade de vivências com significados determinantes, é capaz de estruturar e orientar a sua prática, selecionar determinados conteúdos, dar prioridade a certas atividades e aprimorar a competência de aprender a decifrar várias linguagens, percorrer diferentes motivações humanas, ampliar o seu leque de experiências. Alguém que é, sobretudo, capaz de cultivar as diferenças, criar oportunidades para expandir o conhecimento, ampliar a convivência e a sensibilidade na formação do aluno e se configura como modelo de competências e de uma cultura de excelência numa diversidade de imagens e representações. São, aliás, estes conhecimentos que permitem ao professor ser um profissional competente, o que no contexto educativo atual comporta da sua parte, ter a capacidade de articular, mobilizar e colocar em ação os conhecimentos adquiridos, as habilidades e os valores necessários para o desempenho eficiente e eficaz das atividades que a natureza do seu trabalho requer. São estas competências e o desenvolvimento pessoal que no decurso da formação devem ser estimulados numa

perspectiva crítico-reflexiva que permita ao futuro professor compreender as suas responsabilidades, porque na realidade:

O que distingue um profissional experiente de um novato não é tanto a quantidade de saber, mas a sua qualidade, a capacidade de relacionar, selecionar, ajustar, adaptar ao contexto, prever, pôr em ação e sua flexibilidade cognitiva e fazê-lo com rapidez, espontaneamente e sem esforço (Alarcão, 1996, p. 29).

Justifica-se, sobretudo, nessa formação, uma necessidade de mudança do paradigma de ensino, de um modelo passivo, baseado na aquisição de conhecimentos, para um modelo baseado no desenvolvimento de competências, ou seja, o passar-se da centração no ensino para a centração na aprendizagem do formando, com a finalidade de levá-lo a aprender, a adquirir competências, a aprender a aprender. Uma formação que proporcione, para além do desenvolvimento das chamadas competências técnicas, um conjunto de competências transversais e sociais, que promovam: capacidades, qualidades pessoais, o sentido da responsabilidade, a flexibilidade, a criatividade, o desenvolvimento integral do formando e que o torne aberto à mudança, ou seja, que lhe dê a conhecer os elementos fundamentais do seu campo de trabalho para que possa encetar com o mínimo de segurança o seu percurso profissional.

Nesse contexto, reorganizar o ensino superior é repensar também a formação de educadores e professores. A flexibilidade de percursos formativos que o processo subentende abre perspectivas de reforço da qualidade e abordagens inovadoras, potencialidades que devem ser rentabilizadas ao máximo no sentido de proporcionar a estes profissionais de educação uma formação profundamente sólida, multifacetada, articulada entre si e consonante com a realidade que é educar, no século XXI. A formação inicial dos professores como responsáveis na formação de novas gerações, não pode, portanto ser aligeirada, deve antes ser constituída por um corpo de conhecimentos que lhes proporcione uma educação sólida, multifacetada e multidisciplinar, nela se incluindo uma vertente educacional geral e específica, formação cultural, pessoal, social e ética. Conhecimentos fundamentais para que nas suas interações com situações reais, quando acompanhadas de reflexão, questionamento e experimentação, adquiram um conjunto alargado de competências, capacidades e atitudes de análise crítica, inovação e investigação pedagógica. Estas competências irão, por certo, reforçar a bagagem dos que possuem já um conjunto de dons inatos, mas tornará todos mais aptos à construção de respostas às mutações

decorrentes de uma sociedade assente no conhecimento. Grilo (2002, p. 46) opina, a propósito, que a formação “constitui a pedra fundamental com a qual o cidadão se vai afirmar ao longo da sua carreira profissional e, sobretudo, a base essencial que lhe vai permitir a reciclagem, a reconversão, a atualização e a própria mobilidade profissional”. Contudo, esta formação porque entendida como um momento estruturante de uma formação continuada necessita ser reforçada. É que apesar de tudo, os saberes nela adquiridos não são suficientes, daí decorrendo a necessidade de mais formação e aquisição de novas competências, uma vez que o ser humano não é perfeito e como tal, a sua educação, aprendizagem e formação, têm de ser contínuas. Necessita, por conseguinte, o professor de pôr na sua bagagem continuamente muita informação, pontapear as dificuldades e avançar, como forma de ultrapassar os seus limites e fronteiras. Por todas as razões expostas a formação, que tem em vista a aquisição de novas competências ou o desenvolvimento e melhoria das existentes, é atualmente um processo mais competitivo, embora seja também, mais atrativo. Ela é, na realidade, o primeiro passo para a mudança e concede ao formando a possibilidade de desenvolver emoções, de reorientar saberes e de construir competências torna-o simultaneamente, sujeito e agente da sua transformação. É sujeito porque assume a capacidade de se transformar. É agente porque, voluntariamente, intervém na sua transformação. Não admira, portanto, que para ser bom na profissão seja preciso investir na formação.

3.4.COMPETÊNCIAS NECESSÁRIAS AO PROFESSOR DO SÉCULO XXI

O ato de ensinar por si só é um desafio e tanto. E lidar com uma grande diversidade de alunos acaba exigindo muitas competências do professor, que tem papel fundamental na preparação deles. Isso se dá especialmente quando falamos em educação 4.0 — tendência que alia novas tecnologias às metodologias tradicionais de ensino —, realidade que vem mudando o papel do professor dentro e fora da sala de aula.

Em qualquer época essa é uma atividade desafiadora, mas podemos dizer que as mudanças ocorridas ao longo do tempo aumentaram as exigências para esse tipo de profissional. Afinal, é enorme a responsabilidade de formar pessoas no mundo de hoje.

Adiante temos as principais características que destacam o professor do século

Boa comunicação

A base do ato de lecionar é comunicar-se com o outro. A troca entre pelo menos duas pessoas (no caso, o professor e o aluno) é fundamental para a aprendizagem, a não ser que se trate de um autodidata.

Sendo assim, o ideal é que esse intercâmbio aconteça da melhor forma possível para que ambos consigam dividir experiências, dúvidas e soluções. Para isso, é importante que as informações sejam bem transmitidas, ou seja, que o professor tenha a habilidade de expressar claramente sua mensagem, instruindo e motivando o aluno.

Na verdade, investir em uma boa comunicação é uma necessidade em qualquer área de trabalho. Porém, quando há outra pessoa ali disposta a ouvir e aprender, você se torna um exemplo e deve procurar ser o mais correto possível, concorda?

Então, é preciso ter muita cautela com todas as formas de comunicação (oral, escrita e não verbal) para não dificultar ou prejudicar o processo de aprendizado. Especialmente os professores precisam ter a consciência de que saber interpretar o outro e emitir suas ideias com clareza é determinante.

Criatividade

Não há nada mais desgastante do que participar de aulas que seguem o mesmo ritual sempre. Essa previsibilidade e a falta de inovação acabam gerando desinteresse do aluno, que sente falta de algo novo que prenda sua atenção.

É claro que inventar uma coisa diferente a cada dia também não é uma tarefa fácil ou obrigatória. Contudo, trabalhar a criatividade para despertar a disposição dos estudantes é uma tática que apresenta bons resultados.

Aliás, isso ainda contribui para que eles também se tornem pessoas mais criativas e capazes de superar desafios diversos, que muitas vezes vão além das próprias expectativas.

Essa questão se torna ainda mais relevante ao identificar que as gerações mais novas naturalmente vivem em um mundo mais dinâmico, cheio de informações e distrações a todo momento. A partir disso, a criatividade surge como uma ferramenta de estímulo para a absorção do conhecimento.

Pensamento crítico

As redes sociais e a internet de forma geral nos colocam hoje diante de uma imensidão de dados e opiniões. Notícias verídicas e outras que nem sempre contêm

verdades, mas que correm o risco de se tornar realidade quando expostos em massa (muitas vezes, a intenção é realmente essa).

Diante disso, é essencial que os alunos sejam incentivados a refletir sobre tudo o que ouvem, leem e consomem. Essa postura evita a reprodução automática e inconsciente e conduz os jovens à pesquisa e reflexão — o que fortalece sua capacidade de analisar informações e estruturar a própria opinião a partir delas.

Caso contrário, eles ficarão sempre à margem da construção de uma mentalidade crítica, capaz de ajudá-los a fazer escolhas, tomar decisões e agir como bons cidadãos.

Capacidade de lidar com as tecnologias

Em pleno século 21, não dá mais para continuar com métodos tradicionais e ultrapassados, não é mesmo? Os anos prosseguem e é imprescindível acompanhar a evolução das coisas. Nesse sentido, é inevitável falar de um aspecto específico: o avanço da tecnologia.

Antigamente, os professores recebiam o material didático, preparavam suas aulas e escreviam as informações na lousa para que os alunos copiassem a matéria em seus cadernos. Tudo podia ser resolvido com lápis, caneta, papel, giz e apagador.

Aos poucos, foram surgindo novos recursos como os mimeógrafos, computadores, projetores etc. Hoje, as salas de aulas modernas praticamente não se parecem com os modelos do passado.

Para muitos isso foi uma grande dificuldade, pois sair da zona de conforto nem sempre é simples. No entanto, é extremamente importante que um profissional conheça e consiga lidar com as tecnologias atuais, sobretudo para oferecer um ensino diferenciado e cheio de facilidades para seus alunos.

Por exemplo, a criação de grupos virtuais para troca de informações e resolução de dúvidas é uma realidade bastante comum. Como o horário das aulas é limitado, essa possibilidade traz efeitos positivos para os estudos, assim como a recomendação de documentários, séries, blogs, aplicativos, entre outros que valem a pena acompanhar.

Isto é, a tecnologia não precisa e não deve ser excluída do ambiente acadêmico—inclusive, é uma bobagem acreditar que ela rouba o papel do educador. Suas boas ferramentas podem ser utilizadas por alunos e professores, com o objetivo de agregar valor ao processo de aprendizado.

Empatia

Uma das habilidades do século 21 é a empatia, tanto no mundo corporativo, acadêmico quanto em qualquer outro. Quando o convívio e a colaboração devem estar presentes, é de grande valor a capacidade de se colocar no lugar do outro.

Isso facilita a aproximação e as interações em sala de aula, já que o aluno é respeitado e sua condição é considerada. Para o professor, o desafio está em perceber as diferenças existentes em sala de aula, de forma a adequar sua abordagem sempre que sentir necessidade. Conseqüentemente, as distâncias e as dificuldades são minimizadas.

Liderança

Diante das novas ferramentas e da ascensão de metodologias ativas de aprendizagem, os alunos tornam-se cada vez mais protagonistas do processo de ensino e aprendizagem, fazendo do professor um líder nesse cenário.

O professor deve ser capaz de direcionar uma turma com diferentes perfis, adotando metodologias ativas de ensino e propondo inovações que desafiem e façam sentido para todos, como um verdadeiro líder de equipe. Ou seja, bons professores precisam desenvolver competências técnicas que, somadas às suas competências comportamentais, os tornem semelhantes aos líderes empresariais.

Nesse sentido, um bom professor, assim como um grande líder, não é aquele que apenas ensina, mas o que inspira, instrui e motiva seus alunos. Hoje, especialmente em função das redes sociais, não há mais o distanciamento de antes entre estudantes e mestres, assim, uma curtida em um post pode ser tão motivadora quanto uma estrelinha na prova.

Curadoria de conteúdo

Se antes o professor era o detentor do conhecimento, principal responsável por transmiti-lo ao aluno, hoje ele precisa se colocar mais como um curador de conteúdo. Isso porque a informação está aí, disponível e acessível aos alunos por meio da internet, vinda das mais variadas fontes e nos mais diversos formatos possíveis.

Dessa forma, cabe ao professor de hoje identificar os conteúdos de boa qualidade e direcionar o aluno em sua própria busca pelo conhecimento. Mais uma vez, vale ressaltar que a proximidade com o professor faz dele, acima de tudo, um exemplo, um formador de opinião sobre assuntos que vão muito além dos acadêmicos.

Capacidade de Inovação

Um dos maiores desafios do educador na educação 4.0 é o fato de ele próprio ainda estar assimilando a transformação digital enquanto leciona para uma geração de nativos digitais.

Crianças e jovens nascidos em plena era digital, criados em uma sociedade conectada e abarrotada de informações. O ritmo deles é outro, é natural que o professor precise inovar em sala de aula para captar a atenção desses alunos tão estimulados fora dela.

Apostar em novas metodologias, ferramentas e técnicas de ensino é um ponto crucial, porém, mais do que isso, precisam criar novas formas de se conectar com seus alunos, criando espaços de construção do saber e não mais de transferência de conhecimento.

Colaboração

Outra característica marcante da era digital é a colaboração. O conhecimento, por exemplo, aumenta quando é dividido, vide os espaços de compartilhamento virtuais, como a wiki, redes sociais, fóruns etc.

Dessa maneira, o professor deve ter essa habilidade bem desenvolvida para poder trabalhá-la com a turma, uma vez que a colaboração só ocorre quando todos os atores do processo de ensino-aprendizagem estão envolvidos — docente, estudante e demais funcionários da escola.

Deve partir do professor o estímulo ao compartilhamento de ideias, bem como a construção do respeito pela opinião do outro. Atividades como debates e jogos pedagógicos em sala de aula são uma ótima oportunidade para valorizar as diferenças no pensamento, destacando seus benefícios para o grupo como um todo.

Atualização constante

Adquirir conhecimento nunca é demais, pois há sempre algo novo a se aprender. Na posição de professor, esse fato ganha ainda mais relevância e deve ser considerado como uma prioridade.

Independentemente da área, existe uma necessidade de atualização constante para quem deseja oferecer sempre o melhor. Participar da formação de outra pessoa engloba essa responsabilidade.

Por isso, todo meio de absorver bons conteúdos deve ser aproveitado: livros, cursos, palestras, seminários, congressos, entre outros. Um profissional que está sempre em busca de conquistar novas competências certamente tem mais chances de contribuir com o outro, você não acha?

Além do mais, é um grande erro pensar que não há mais o que aprender. Os jovens de hoje já nascem curiosos e questionadores, o que exige dos educadores estarem sempre atentos e atualizados.

3.5. O PROFESSOR NO SÉCULO XXI

Em um mundo aonde a informação chega aos jovens alunos de várias fontes, o professor precisa estar preparado para ser um facilitador para que essas informações sejam conectadas, transformando-as em conhecimento, este é o professor do século 21 - o professor aprendiz.

O papel do professor é estabelecer relações dialógicas de ensino e aprendizagem; em que professor, ao passo que ensina, também aprende. Juntos, professor e estudante aprendem juntos, em um encontro democrático e afetivo, em que todos podem se expressar.

O professor do novo século, não é um mero transmissor de informações, ou aquele que aprende no ambiente acadêmico o que vai ser ensinado aos alunos, o novo professor é o que produz o conhecimento junto, e em sintonia com anseios do aprendiz. Não é mais suficiente que ele só saiba o conteúdo de sua disciplina. Ele precisa não só interagir com outras disciplinas, como também conhecer o aprendiz. Conhecer o aprendiz faz parte do papel desempenhado pelo professor aprendiz. Aprendiz, pelo fato de que ele necessita saber o que ensinar, para que e para quem, ou seja, por que canais o aprendiz vai assimilar melhor o aprendizado e de que forma vai utilizar o que aprendeu na escola em sua vida cotidiana. Nesse sentido o conhecimento de mundo, e as percepções do aluno têm de ser considerado, respeitado e ampliado, para que a parceria seja eficaz.

Ensinar bem não significa só repassar conteúdos, mas levar o aprendiz a pensar, criticar. Percebe-se que o professor tem a responsabilidade de preparar o aprendiz para se tornar um cidadão ativo, aptos questionar, debater e romper paradigmas. O questionamento é um dos aspectos mais positivos, pois gera a busca pelo conhecimento, levando o aprendiz a refletir e buscar respostas. Uma outra característica marcante do novo educador é a de facilitar a conexão das inúmeras informações que chegam por todos os lados ao jovem aprendiz, transformando essas informações em conhecimento e esse conhecimento, em experiência, através de práticas e o melhor; o professor não mais é persuasivo, ou o que convence, mas o que provoca e estimula a inteligência. Diante disso, ele desempenha, no processo de

ensino/aprendizagem, o papel de gerenciador e não de detentor do conhecimento. Numa sociedade que está sempre em transformação, o professor contribui com seu conhecimento e sua experiência, tornando o aluno crítico e criativo. Esse novo educador, deve estar voltado ao ensino dialógico, uma vez que os seres humanos aprendem interagindo uns com os outros. É o processo aprender a aprender.

O professor deve provocar o segundo aprendiz, passivo, para que se transforme no aprendiz sujeito da ação, protagonista de seu próprio aprendizado. Conclui-se com isso que o professor é a alma do processo de ensinagem, cabendo a ele a tarefa importantíssima de contribuir para a formação de cidadãos e de desenvolver neles a capacidade crítica da realidade, para que possam utilizar o que aprenderam na escola e em diversas situações e/ou lugares, utilizando para isso o processo de parceria, em que o segundo aprendiz, o aluno, passa a enxergar a escola e o próprio professor como parceiro de aprendizagem que contribuirão decisivamente para que este possa alcançar seu propósito maior.

O objetivo principal do professor passa a ser o de colocar o segundo aprendiz como o real protagonista desse novo processo de ensinagem.

3.5.1. Características do professor do Século XXI

Os tempos mudam, as coisas evoluem e muitas adaptações ocorrem. Ser professor é uma das profissões que se encaixam em todas essas informações. A educação se transformou e se transforma com os anos.

Obviamente, ensinar no momento em que vivemos é um fenômeno totalmente diferente. Nunca antes o aprendizado se desenhava do jeito que está agora – em todos os lugares, o tempo todo, em qualquer tópico possível, apoiando qualquer estilo ou preferência de ensino possível.

Assim, é necessário que haja reflexões sobre o tema e suas adaptações no universo pedagógico.

Portanto, o professor do século XXI deve ter as seguintes características abaixo mencionadas.

Sala de aula centrada no aluno e instruções personalizadas

Como os alunos têm acesso a qualquer informação possível, certamente não há necessidade de “alimentar” o conhecimento ou ensinar conteúdo de “tamanho único”.

Como os estudantes têm diferentes personalidades, objetivos e necessidades, oferecer instruções personalizadas não é apenas possível, mas também desejável.

Quando os alunos têm permissão para fazer suas próprias escolhas, eles são donos da sua aprendizagem, aumentam a automotivação e se esforçam mais – uma receita ideal para melhores resultados de aprendizado!

Apesar de possuírem dispositivos caros com recursos para produzir blogs, infográficos, livros, vídeos de instruções e tutoriais, só para citar alguns, em muitas classes os estudantes ainda precisam desativar esses dispositivos e trabalhar somente com textos escritos, folhetos e planilhas. Infelizmente, muitas vezes esses documentos são simplesmente jogados fora depois de serem feitos e avaliados na aula.

Muitos estudantes nem querem fazê-los, muito menos mantê-los ou devolvê-los depois. Quando lhes é dada uma oportunidade de usar a tecnologia a favor da educação, os alunos podem produzir trabalhos mais dinâmicos e relacionados ao seu dia a dia, como blogs, filmes ou histórias digitais bonitas e criativas de que se sintam orgulhosos e compartilhem com os outros.

Aprender novas tecnologias

Para poder oferecer opções aos alunos, ter a própria experiência e conhecimentos práticos será bastante útil. Como a tecnologia continua se desenvolvendo, aprender uma ferramenta de uma vez por todas não é uma opção. A boa notícia é que as novas tecnologias são novas para os professores iniciantes e experientes, ou seja, todos podem participar a qualquer momento!

Ser digital

Outro atributo importante é planejar atividades sem papel – organizar recursos de ensino e atividades no próprio site e integrar tecnologia que trabalhem a experiência de aprendizagem dos alunos em um nível diferente.

O compartilhamento de links e a oferta de discussões digitais em oposição a um fluxo de papel constante permite que os alunos acessem e compartilhem recursos de classe de uma maneira mais organizada. Assim, os alunos se sentirão mais envolvidas com o ensino e curiosas com as novas formas de aprendizado.

Inovador

O professor deve sentir-se à vontade para expandir sua caixa de ferramentas de ensino e a tentar novas maneiras que nunca tentou antes, como ensinar com mídias sociais ou substituir livros didáticos por recursos da web. Não por causa de ferramentas, mas por causa dos alunos.

Métodos como o Movimento Maker (profissional realizador, criador e fazedor) e saber alfabetizar na era digital são algumas das formas de ter novos olhares sobre a educação. Assim como a incentivar os alunos a enxergarem as novas tecnologias como aliadas do seu próprio ensino.

A fim de fornecer um serviço de aprendizagem verdadeiramente significativo para os alunos, o professor no século 21 deve estar disposto a ensinar muito mais do que apenas fatos que são oportunos agora.

É necessário buscar maneiras de ajudar os alunos a encontrar e praticar a construção de suas forças juntos, pois eles conscientemente escolhem fazer contribuições produtivas e éticas para o futuro da sociedade. É trabalho dos educadores apoiá-los quando eles descobrirem, tentarem tropeçarem e tiverem a coragem de se recuperar no caminho para dominar seus talentos e dons únicos, valiosos e inatos.

Estamos agora vivendo em um mundo interativo em que a comunicação de mão dupla é a expectativa. Com o advento da internet, não temos mais um bloqueio e um método exclusivo sobre o que é ensinar. Antes, os alunos costumavam chegar à escola somente para ter acesso ao conhecimento, à experiência, aos livros didáticos e materiais da biblioteca.

Muitas vezes, os alunos teriam que esperar até um fim de semana, ou mais, para obter uma resposta a uma pergunta específica. Mas agora as crianças podem obter informações em seu próprio tempo, instantaneamente, fazendo uma pesquisa on-line simples.

Por isso, ser professor no século 21 é ensiná-los a aprender sobre o que é importante para si próprios, uns para com os outros e para uma sociedade ética, em vez de ser somente imposta aprender sem a sua contribuição. Tudo isso é uma adaptação sutil, mas que faz uma diferença enorme na eficácia da educação dos alunos.

Usar ferramentas digitais e fazer do aluno um participante ativo e engajado na sala de aula tem provado ser de muito mais valor e importância para a sua aprendizagem e sucesso a longo prazo. Muito mais do que o papel tradicional de doador de fatos que os professores têm realizado nos últimos dois séculos.

Dessa maneira, pais e educadores, comecem por não subestimar os seus filhos e a confiar no grande potencial dos alunos. Eles são excelentes portadores de novas informações e podem transformar a educação da sua escola. Assim, é muito

importante também que haja espaço para que os estudantes sejam ouvidos e transmitam suas impressões e sugestões.

Além disso, o educador deve sempre estar disposto a querer aprender, se atualizar e buscar novas formas de deixar a escola um local mais atrativo e pedagogicamente rico. O mesmo deve acontecer com o tema em voga e como tornar isso realidade e transformar em um sistema educacional incrível.

3.6. O PROFESSOR DO SÉCULO XXI E O DOMÍNIO DAS TECNOLOGIAS DE INFORMAÇÃO NECESSÁRIAS A CONSTRUÇÃO DO SEU PERFIL

Muito se tem discutido, principalmente nas últimas duas décadas, a respeito do uso das tecnologias de informação e comunicação nos diferentes sistemas de ensino. Essa discussão amplia-se a partir da popularização e difusão dos meios de comunicação instantâneo e a popularização do uso de computadores, dispositivos móveis e internet.

Os profissionais da educação defrontam-se hoje com exigências de ordens diversas no sentido de incorporarem à sua prática em sala de aula as tecnologias de informação e comunicação, tendo em vista o perfil de alunos que hoje chegam aos diferentes graus de ensino: Educação Básica e Ensino Superior. As diretrizes do ministério da Educação, através dos documentos oficiais como os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) e as resoluções que norteiam os diferentes cursos de graduação recomendam o uso dessas tecnologias:

"É indiscutível a necessidade crescente do uso de computadores pelos alunos como instrumento de aprendizagem escolar, para que possam estar atualizados em relação às novas tecnologias da informação e se instrumentalizarem para as demandas sociais presentes e futuras." (BRASIL, 1998, p. 96).

Nesses documentos nos deparamos com diretrizes norteadoras do ensino e que apontam rumos na atuação docente, que venham ao encontro dos alunos que já incorporaram tecnologias, como o computador e o telefone celular, à sua rotina, seja no lazer, na comunicação pessoal e que estas possam ser utilizadas no cotidiano da sala de aula.

Nessa linha de raciocínio aponta-se uma mudança qualitativa nos processos de ensino aprendizagem, na medida em que os professores possam incorporar nas suas práticas pedagógicas os benefícios das tecnologias de informação. Segundo Ken Sky (2001), a utilização das tecnologias de informação leva a uma mudança

considerável no processo de ensino quando consegue integrar dentro de uma visão inovadora todas as tecnologias: as telemáticas, as audiovisuais, as textuais, as orais, musicais, lúdicas e corporais a serviço de uma aprendizagem pertinente e significativa.

Os recursos oferecidos pelos computadores, pela Internet e outras redes de comunicação evidenciam a necessidade de se estabelecerem vínculos entre os conhecimentos sistematizados pelos diferentes programas de ensino, nas distintas aprendizagens e a realidade do cotidiano de cada estudante. Assmann (1998) afirma que a educação só alcançará a qualidade desejável quando gerar experiências de aprendizagem, criatividade para construir conhecimentos e habilidade para saber acessar fontes de informação sobre os mais variados assuntos.

Para o desenvolvimento de uma prática pedagógica, o professor precisa empreender um trabalho comprometido com uma nova realidade tecnológica, apropriando-se das novas tecnologias e criando novas metodologias de ensino que tenham como ponto de partida o contexto da instituição de ensino e características do aluno.

Em se tratando da utilização de novas tecnologias no contexto educacional, o que se percebe é que o professor encontra-se inserido num emaranhado de tecnologias que por mais extraordinária que seja as vezes torna-se ineficaz quando ele não domina sua utilização em benefício de uma melhoria na qualidade dos processos de ensino aprendizagem. Nesse sentido, não há uma tecnologia específica a ser utilizada, nem uma forma única de utilização dos recursos tecnológicos, mas um leque de oportunidades educativas que as diferentes tecnologias revelam, cabendo ao professor adequá-las às necessidades e especificidades da escola e do alunado com que atua. Daí a prerrogativa pontuada por Perrenoud (2000) que aponta a competência do professor em gerir diferentes dispositivos de aprendizagem, entre eles as diferentes possibilidades de uso da tecnologia na educação.

É necessário que os professores estejam preparados para interagir com as novas tecnologias no ambiente de trabalho, estimulando o uso das tecnologias de informação, fornecendo subsídios para a consolidação de um projeto pedagógico que se aprimore com o uso e tempo ajustado as prerrogativas legais e as necessidades atuais dos alunos. É fundamental a compreensão da importância do uso das tecnologias de informação a serviço da educação e como aporte para mudanças nas práticas de ensino, levando o professor ao conhecimento de suas possibilidades,

limitações e na compreensão da lógica que permeia a movimentação entre os saberes no atual estágio da sociedade tecnológica (Kenski, 1998).

Pensar uma nova proposta pedagógica que tenha como referência a utilização das tecnologias de informação, apresenta muitas resistências, pois impõe a quebra de paradigmas e de toda uma formação acadêmica e vivência profissional. Em suma, o uso das tecnologias de informação nas instituições de ensino, depende da formação do professor para lidar crítica e pedagogicamente com elas. É necessário que o professor conheça os meios tecnológicos, suas interfaces e todas as possibilidades que as mesmas oportunizam, para que possa utilizá-las nas variadas situações de aprendizagem e nas mais diferentes realidades educacionais, evitando que estas tornem-se apenas adereços pedagógicos no cotidiano educacional.

3.7. O PROFESSOR E O DESAFIO DA REVOLUÇÃO DIGITAL

A reflexão em torno dos desafios que são impostos aos educadores diante da revolução tecnológica que vive a sociedade e que conseqüentemente chega à escola, é longa. Analisar apontamentos teóricos sobre esse quadro se faz necessário a fim de relacioná-lo com questões advindas da prática, e chegar a uma possível conclusão sobre o que impede que educadores façam uso desses recursos.

Moran (2000) diz que “um dos grandes desafios para o educador é ajudar a tornar a informação significativa [...], compreendê-la de forma abrangente e profunda”. Atualmente não se dispõe de falta de informação, pelo contrário, tem-se informação em excesso. O que ocorre é que essa informação disponível para o aluno nem sempre é de “qualidade” ou útil para si mesmo. Juntamente com o desafio, o mesmo autor aponta o papel principal do professor da contemporaneidade: ajudar o aluno a interpretar as informações, relacioná-las e contextualizá-las. Para Valente (1999), o desafio do professor é saber como se posicionar diante de um ambiente educacional que exige novos conhecimentos na maneira de perceber o contexto em que estão inseridos seus alunos e, a partir disso, aprimorar a efetividade de sua atuação no novo ambiente de aprendizagem. Almeida aponta que, com o avanço da tecnologia, a função do educador é mais nobre e mais complexa que antes. Conforme suas palavras, afirma que: Para finalizar sua opinião sobre a tarefa nobre do educador, o mesmo autor diz ser esta a de criador de um ambiente de aprendizagem de valorização do educando.

Observa-se que a mudança tão almejada na educação no que concerne à inserção da informática educativa, também está nas mãos do educador. Ou melhor, a ele é jogada a responsabilidade em fazer da escola um espaço capaz de acompanhar todo esse processo evolutivo e promover a construção da aprendizagem. As exigências da sociedade contemporânea, em razão do avanço tecnológico, são vistas por Fernandes (2004) como desafios que requerem do professor novas competências para lidar com essa realidade. A mesma autora salienta que essas competências não fazem parte do currículo de formação inicial do professor. Considerado o advento da tecnologia e a chegada da informatização nas escolas, muitos são os educadores que não são contemplados com uma formação capaz de prepará-los para fazer uso da informática em suas aulas. Alguns cursos de formação continuada buscam formar educadores capazes de lidar com as ferramentas tecnológicas. Quando se fala em disponibilização de cursos, é reconhecido que a oferta não beneficia todos. É falho esse sistema de formação que não contempla toda uma instituição, ou que, quando forma um profissional, este não consegue dividir conhecimento devido a alguns fatores, como a falta de oportunidade e pouco tempo disponível para tal fim. Também pode se destacar o quanto a tecnologia é veloz, e aquilo que levou certo tempo para ser “aprendido”, por meio de um curso de extensão, acaba virando passado, ou seja, novas técnicas e domínios surgem e aquele conhecimento acaba sendo substituído por outro. A formação continuada do professor nessa área deve ser constante, pois as modificações e inovações são dinâmicas. Contudo, como capacitar-se se nem sempre há tempo para isso?

Outra barreira encontrada pelo professor é a falta de tempo para buscar atualização. Os educadores em sua maioria cumprem uma jornada de trabalho que dificulta a participação em cursos ou qualquer outro meio de formação continuada. O pouco tempo fora da escola destina-se aos cuidados com a vida pessoal, o qual muitas vezes é ocupado por atividades extensivas da docência (planejamento, correção de provas, etc.). Então, que tempo dispõe o educador para capacitar-se e tornar-se apto para lidar com as inovações que estão presentes no cotidiano de seus alunos? Em meio à correria do dia a dia, compromissos e horários precisos, pouca energia sobra para dar continuidade a sua formação. Quando há a possibilidade de organizar horários, “ajeitar” a vida pessoal, dispor-se a buscar aperfeiçoamento, na falta de uma formação gratuita, o educador se depara com outro obstáculo: os gastos para manter um curso de formação continuada. Sabe-se que a remuneração do educador não dá

conta de suprir as despesas com cursos capazes de prepará-lo para lidar com o novo e dele tirar proveito. E ao pontuar sobre a falta de formação, é pertinente citar que este desconhecimento resulta na falta de um planejamento pedagógico coerente com o proposto pela informática na educação: a construção do conhecimento aliando a didática do educador com os recursos tecnológicos. Um desafio encontrado na prática pelo educador, além de seu despreparo, é o despreparo do próprio aluno. É necessário apontar a dificuldade do educador quando disposto a utilizar uma ferramenta, a exemplo o próprio o computador, e se deparar com alunos com desconhecimento de como manusear o equipamento, o que faz com que a atividade se descaracterize e chegue ao fim. Mesmo que, atualmente, muitas famílias disponham de um computador, esta não é a realidade de todas. Grande parte das escolas públicas atende comunidades com condições financeiras e nível cultural distintos. Lida-se, também, com alunos oriundos do meio rural e que não têm acesso à informatização. Esse quadro encontrado nas escolas de ensino público é real. A dificuldade do aluno acaba exigindo um domínio técnico do educador para que este o oriente e o torne capaz de acompanhar os demais colegas da turma, que estão em outro nível de conhecimento.

Isso não quer dizer que se faz necessário o aluno ter habilidade com o computador, mas, quando essa situação acontece durante a utilização do espaço informatizado, não se chega ao desfecho esperado com a atividade. Cita-se como resultado disso: o desinteresse pela tarefa por aqueles que não conseguem realizá-la e o tumulto entre os demais. Destaca-se mais uma dificuldade vivida pelo educador capaz de desmotivá-lo a fazer uso de um recurso informatizado. Diante do quadro de obstáculos enfrentados pelo educador, quando o aluno faz uso dos recursos tecnológicos, nem sempre os utiliza de uma maneira coerente. O que a maioria dos jovens deseja do mundo digital é estar conectado nas redes sociais, usufruindo de todos os meios que o possibilitem a socialização, além de ter acesso a informações impróprias ou incoerentes. O aluno conhece e domina a máquina, contudo, tem informação em demasia e nem sempre é capaz de fazer um bom uso desta, ou ter maturidade para discernir o que é próprio para sua faixa etária. Os educadores apontam que os alunos sabem 'lidar' com o computador e com a internet quando se trata do uso condizente com seu próprio interesse, negando, muitas vezes, o que é proposto pelo educador.

E é essa uma das críticas dos docentes referentes à informática na educação. Também é esse um dos desafios do educador, interessar-se pelo que o aluno sabe, pelo que lhe interessa, buscar orientá-lo e aproveitar seu conhecimento em prol de uma aprendizagem contextualizada e participativa. Ao retomar a questão concernente à resistência na mudança pedagógica, evidencia-se que o docente não assume sua falta de conhecimento diante do novo. Eis mais um desafio: assumir que precisa aprender para poder ensinar. Para tanto, o educador deve ser humilde a ponto de colocar-se na condição de aprendiz. Aos educadores da contemporaneidade, é válido reconhecer que os alunos que hoje estão nos bancos escolares, ansiosos, receosos e eufóricos diante das invenções tecnológicas nasceram na era digital. Os professores não.

4. QUESTÕES DE PESQUISA

Partindo do que é observado no cotidiano, na mídia televisiva, jornais, revistas, internet, e levando em consideração a excessiva utilização de recursos tecnológicos na atualidade, a presente pesquisa reúne vários exemplos coletados no intuito de responder as questões de pesquisa: quais os desafios do professor no século XXI? O que ele precisa fazer/ter para se inserir nesse novo modelo educacional cada vez mais tecnológico?

5. OBJETIVOS

5.1. Geral

Definir os desafios enfrentados pelo professor no século XXI e planejar suas ações para que suas atividades em sala de aula sejam mais dinâmicas, proveitosas e transformadoras.

5.2. Específicos

- Conhecer o perfil do professor ontem e hoje.
- Analisar as características, competências e habilidades necessárias ao professor do século XXI.
- Identificar os desafios enfrentados pelo docente na contemporaneidade.

6. MÉTODO / PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Quanto aos métodos/procedimentos metodológicos, esta pesquisa classifica-se como: descritiva; com relação à abordagem do problema é qualitativa; quanto aos

objetivos é exploratória, já nos procedimentos técnicos utilizados basearam-se na pesquisa bibliográfica.

O método de pesquisa utilizado é o descritivo, pois o assunto é conhecido e trarei apenas uma nova visão sobre ele.

A pesquisa qualitativa, é apropriada quando se enfrenta uma situação de incerteza, pois os resultados podem divergir das expectativas e também podem mudar o julgamento. Os dados são coletados para esclarecer possíveis problemas metodológicos, que não estão claros quanto ao problema de pesquisa.

Quanto à sua natureza, a pesquisa é exploratória, pois tem o objetivo de aprimorar ideias, visto que, é a melhor e a mais adequada maneira de se adquirirem informações precisas, desenvolver o conhecimento e, formular soluções para os problemas analisados.

A pesquisa bibliográfica é, por excelência, uma fonte inesgotável de informações, pois auxilia na atividade intelectual e contribui para o conhecimento cultural em todas as formas do saber.

A pesquisa bibliográfica é desenvolvida a partir de material já elaborado e disponível, constituído principalmente de documentos impressos em livros, artigos científicos, dissertações e teses. Utiliza-se de dados ou de categorias teóricas já trabalhadas por outros pesquisadores e, devidamente registradas

Assim este trabalho buscou adquirir conhecimento e dar soluções para os problemas abordados.

As leituras de livros usadas foram: Parâmetros Curriculares Nacionais: introdução aos parâmetros curriculares nacionais, Reflexão crítica sobre o pensamento de D. Schön e os programas de formação de professores, Metáforas novas para reencantar a educação: epistemologia e didática, Educação trabalho e cidadania, Professores e computadores, Extensão ou comunicação? Pedagogia da autonomia, Desafios da educação: ideias para uma política educativa no século XXI, Novas Tecnologias e mediação pedagógica, Os sete saberes necessários à educação do futuro, Profissão professor, Formação de professores e profissão docente, Dez novas competências para ensinar, Docência no ensino superior, Saberes docentes e formação profissional, O computador na sociedade do conhecimento, e A prática educativa: como ensinar. Os artigos em revistas foram: Fala Mestre! Philippe Perrenoud - A arte de construir Competências e Novas tecnologias: o redimensionamento do espaço e do tempo e os impactos no trabalho docente.

Os principais autores que contribuíram com o trabalho foram: Alarcão (1996), Assmann (2018), Bruel (2011), Fernandes (2004), Freire (1983 e 2004), Grilo (2002), Moran (2000), Morin (2006), Nóvoa (1995 e 1997), Perrenoud (2000), Pimenta e Anastasious (2002), Tardif (2002), Valente (1999) e Zabala (1998).

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Vivemos em um mundo onde vigora as mudanças que ocorreram com as transformações tecnológicas, neste contexto vemos a educação se expandir de um modo significativo, esta que transforma e gera mudanças tem sido debates em muitas discussões, gerando conflitos que muitas vezes não são resolvidos. Em muitas ocasiões vemos o termo educação ser empregado de modo errôneo, mas é fundamental compreender que a educação deve acontecer de um modo amplo e sem restrições abrangendo toda a sociedade.

Para ser professor do século XXI é necessário desenvolver novos papéis e novas realidades educacionais, estar aberto às mudanças legais, a novas tendências pedagógicas e inovações tecnológicas.

O professor do século XXI deve possuir características que compreendem o conhecimento, as técnicas de aprendizagem e o domínio sobre o conhecimento ministrado, vendo muito além de uma mera lista de conteúdos, mas um caminho de possibilidades que conduza os alunos a uma correta apropriação do mesmo e sua aplicação a situações práticas do cotidiano.

Nesta pesquisa bibliográfica foi buscado um referencial teórico que fornecesse elementos formadores do perfil ideal para o professor do século XXI.

A integração da tecnologia na educação disponibiliza uma panóplia de oportunidades que a escola e os seus representantes não podem descorar. Se por um lado, estende braços à comunicação permitindo nacionalizar e internacionalizar práticas e relações, por outro lado, desafia professores, alunos e escolas a praticas inovadoras, contrariando a velha tradição do que sempre foi ensinar. O acesso fácil à informação, a possibilidade de interagir de modo a construir do seu próprio conhecimento centra a aprendizagem no estudante que percorre vários caminhos colaborando e cooperando com os demais. Este contexto exige a mudança de ação metodológica e estratégica do professor de modo a criar ambientes de trabalho que permitam a criação, a inovação, a reflexão e a decisão. Redimensiona assim, o perfil do professor do século XXI. Ser professor já não se limita ao ensinar e transmitir

conhecimentos e valores, mas ao ajudar os estudantes a “aprender a aprender” de maneira autônoma nesta cultura de mudança, para que no futuro sejam capazes de se adaptarem a novos perfis. Verificou-se, no entanto, que os professores ainda têm dificuldade em aplicar a tecnologia em contextos educativos e isso se justifica, sobretudo porque a formação recebida centrou-se mais na aprendizagem de competências instrumentais da tecnologia e menos na aplicação pedagógica da tecnologia. Uma formação capaz é a força para que no século XXI, o século das possibilidades, professores e alunos, fora da sua sala de aulas, sejam professores e alunos do mundo.

No que tange as tecnologias de informação, fundamentais no século XXI, é importante que os professores estejam preparados para interagir com a realidade educacional, marcada pela instantaneidade da informação e uma geração mais atualizada e mais informada, porque os modernos meios de comunicação, liderados pela Internet, permitem o acesso instantâneo à informação e os alunos têm mais facilidade para buscar conhecimento por meio da tecnologia colocada à sua disposição. As metodologias de ensino e a prática pedagógica, nesta nova realidade, devem privilegiar a construção coletiva dos conhecimentos, a partir da apropriação de novas tendências pedagógicas, mediadas pela utilização das tecnologias de informação, na qual o professor é um partícipe pró-ativo que orienta e media os processos de ensino e a posterior construção do conhecimento.

8. REFERÊNCIAS

ALARCÃO, I. **Reflexão crítica sobre o pensamento de D. Schön e os programas de formação de professores**. Porto: Porto Editora, 1996.

ASSMANN, Hugo. **Metáforas novas para reencantar a educação**: epistemologia e didática. 2. ed. Piracicaba: UNIMEP, 1998.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: introdução aos parâmetros curriculares nacionais. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRUEL, A. L. O. **Educação trabalho e cidadania**. Curitiba: Editora Fael, 2011.

FERNANDES, Natal Lânia Roque. **Professores e computadores**: navegar é preciso. Porto Alegre: Mediação, 2004.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

_____. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** 30 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

GENTILE, P. **Fala Mestre! Philippe Perrenoud** - A arte de construir competências. Nova Escola. São Paulo, n. 135, p. 14-20, set. 2000.

GRILO, Marçal. **Desafios da educação: ideias para uma política educativa no século XXI.** Lisboa: Oficina do Livro, 2002.

KENSKI, Vani. **Novas tecnologias: o redimensionamento do espaço e do tempo e os impactos no trabalho docente.** Revista Brasileira de Educação, Brasília, n. 8, p. 58-71, maio/ago., 1998.

MORAN, José Manuel; MASETTO, Marcos T.; BEHRENS, Marilda Aparecida. **Novas Tecnologias e mediação pedagógica.** Campinas: Papyrus, 2000.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro.** 11. ed. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2006.

NÓVOA, Antonio. **Profissão professor.** Portugal: Porto, 2. ed., 1995.

_____. **Formação de professores e profissão docente.** Lisboa: Dom Quixote, 1997.

PERRENOUD, Philippe. **Dez novas competências para ensinar.** Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

PIMENTA, S. G. e ANASTASIOUS, G. C. **Docência no ensino superior.** São Paulo: Cortez, 2002.

TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional.** Petrópolis: Vozes, 2002.

VALENTE, José Armando. **O computador na sociedade do conhecimento.** Campinas: UNICAMP/NIED, 1999.

ZABALA, A. **A prática educativa: como ensinar.** Porto Alegre: ArtMed, 1998.